



“PIRILAMPOS E RUMOREJOS” (1890): O CANTO DE ESTREIA DE DUAS POETISAS MINEIRAS

Leonora De Luca

1890: primeiro ano da recém-proclamada República brasileira, época de instabilidade política, econômica e social gerada tanto pela transição do governo monárquico para o republicano quanto pela Abolição, ocorrida em 1888. Na contramão desse cenário adverso, duas jovens poetisas, Maria Clara Vilhena da Cunha (1866-1911) e Prisciliana Duarte (1867-1944), lançam no Rio de Janeiro a antologia “Pirilampos e Rumorejos”

Prefaciada pela veterana poetisa Adelina Amélia Lopes Vieira (1850-1923), tratava-se do livro de estreia dessas escritoras, que eram primas e viviam em Pouso Alegre (MG), sendo ambas procedentes de famílias mineiras “embora Maria Clara, por circunstâncias fortuitas, tivesse nascido no Rio Grande do Sul.

O volume compunha-se de duas coletâneas: a primeira, “Pirilampos”, consagrada aos versos de Maria Clara, seguida pela segunda, “Rumorejos”, reunindo a produção de Prisciliana. Nesses dois conjuntos, predominam os poemas estruturados em quadras (constituídas, em sua maioria, por versos heptassílabos e, algumas vezes, por decassílabos). Aparecem em menor proporção os sonetos, quase sempre em decassílabos, e um pequeno número de poemas em sextilhas.

No que se refere aos conteúdos, os poemas dessa dupla antologia apresentam em comum o lirismo ingênuo e um bucolismo peculiar, inspirado nas paisagens sul-mineiras.

São poesias singelas que re-

cedem a rosas, jasmims e flores de laranjeira, pelas quais adejam pirilampos, borboletas e beija-flores; nelas, a presença do elemento natural está comumente vinculada à expressão subjetiva e à temática sentimental, configurando uma estética que tem sido classificada de tardo-romântica ou de transição para o parnasianismo.

Mas, apesar das semelhanças apontadas, podemos identificar algumas especificidades que individualizam a produção de uma ou de outra poetisa.

Os “Pirilampos” de Maria Clara falam de amor, de saudade, de tristeza, de felicidade, de lembranças queridas, de perdas e desilusões. Esses temas às vezes combinam-se com referências à natureza, criando uma atmosfera ou sugerindo estados de alma; é o que ocorre no poema “Lusco-Fusco”, cujos versos associam o declinar

a gente pensa que a causa/ De tamanho sentimento/É a saudade que chora/Da despedida o momento.” Porém, na antologia de Maria Clara existem também poemas de feição mais risonha, como aqueles que tratam flagrantes infantis (“O Pintassilgo”, “Susto”, “Minhas Irmãs” e “A Lição”).

A temática afetiva pode ser igualmente detectada nos “Rumorejos” de Prisciliana “mas em suas poesias constatamos um refinamento da técnica, perceptível na observância mais rigorosa da métrica, ou ainda na utilização de esquemas de rima mais elaborados. Outra peculiaridade de sua poesia corresponde ao acentuado teor melancólico de seus versos, marcados por expressões de pesar, de frustração e de percepção da própria finitude. Essas características revelam-se, por exemplo, no soneto “Fogos de Lágrimas”, baseado numa analogia entre o breve transcorrer da nossa existência e a queima de fogos de artifício: “Sobe, chiando, pelo espaço afora,/Um foguete de lágrimas brilhantes,/São multicores, várias, deslumbrantes,/(...) Mas oh! não levam nem sequer instantes,/E o seu fulgor apaga-se e descora!/ Também surge formosa assim a vida,/Cheia de sonhos, bela, colorida,/Tendo da mocidade o riso e o alento!/Depois, vem a velhice, a morte, o nada./

E a vida foge trêmula, apagada,/Indo tombar no caos do esquecimento.”

Em 1891, Maria Clara casa-se com o engenheiro José Américo dos Santos (1848-1918) e muda-se para o Rio de Janeiro. Prisciliana une-se em 1892 a um primo, o também poeta Sílvio de Almeida

(1867-1924), fixando residência em São Paulo. A separação geográfica das primas não impedirá, no entanto, a continuidade daquela parceria literária iniciada na juventude, tornando-se Maria Clara uma das mais ativas colaboradoras da revista *A Mensageira* dirigida por Prisciliana e circulante na capital paulista entre 1897 e 1900.

No Rio, Maria Clara, atuará como prosadora, pintora e musicista. Seus escritos serão parcialmente reunidos nos volumes *Painéis* (contos, 1902) e *América e Europa* (relato de viagens, 1908). Prisciliana, por sua vez, continuará cultivando a poesia, vindo a publicar uma nova antologia, *Sombras* (1906), seguida por duas coletâneas escolares e um último livro de poemas, *Vetiver* (1939). Em 1909, ela e o marido Sílvio (além de poeta, filólogo e educador) figurarão entre os sócios fundadores da Academia Paulista de Letras.

Leonora De Luca é graduada em Ciências Sociais e Letras pela Unicamp. Fez mestrado e doutorado sobre escritoras brasileiras do século XIX.

